

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO DAOMÉ

JÚLIO SANTANA BRAGA, DO SETOR DE ESTUDOS SOCIOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS DO CEAO.

Sabe-se que os ex-escravos brasileiros, que a partir da segunda metade do século dezanove, retornaram à África e ao Golfo de Benim, formaram uma comunidade geralmente denominada pelos pesquisadores de “sociedade brasileira”⁽¹⁾. No Daomé, particularmente em Uidá⁽²⁾, cidade que sofreu grande influência da cultura brasileira, tornaram-se prósperos comerciantes e por muito tempo desfrutaram de inegável prestígio social e intelectual, o que os levou, às vezes, a serem mal vistos pelos nativos, pois consideravam-se mais civilizados, criando desta forma certas dificuldades à administração da Colônia, assunto que deve ser estudado mais detalhadamente.

Esses ex-escravos que introduziram em África, juntamente com Francisco Félix da Souza, o famoso Xaxá, uma espécie de “brasilianismo” como quer Gilberto Freyre⁽³⁾, “traduzido no gosto pela ostentação, do saber livresco e da aristocracia burocrática”, não se descuidaram, entretanto, de um dos mais importantes fatores que iriam contribuir para a continuação do seu prestígio através das gerações, isto é, a bem planejada educação dos filhos dentro das condições da época e de cada um, e que consistia em fazê-los freqüentar a escola primária ou, em casos raros, enviá-los para fazer os seus estudos no Exterior. Este foi o caso, por exemplo, do próprio Francisco Félix da Souza, que enviou à Bahia o seu filho Isidore, com sete anos de idade, para que fizesse ali os seus estudos e o serviço militar⁽⁴⁾, voltando para a África em 1835. Podemos admitir que a atitude de Francisco Félix da Souza estaria incluída na interpretação psico-sociológica de Gilberto Freyre em torno do aparato burocrático do retrato do Xaxá, ou seja, tomada, “para impressionar “brasileiros” e brasileiros; para eles próprios, brasileiros ou baianos triunfantes em África e aí enriquecidos, satisfazerem desejos do meio brasileiro

(1) Preferimos o termo comunidade por ser mais condizente com a realidade sociológica.

(2) BRAGA, Júlio Santana — *Notas sobre o “Quartier Brésil” no Daomé*, in AFRO-ASIA, n.º 6/7 — Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, 1968.

(3) FREYRE, Gilberto — *Problemas Brasileiros de Antropologia*, Rio, 3.ª ed., 1962, p. 306.

(4) ABONON II, Fio — *Histoire de Petit Popo et du Peuple Gen*, Apud VERGER, Pierre *Les Afro-Américains*, Mémoire de IFAN, n.º 27, Dakar, 1953, p. 41.

ou baiano" (5), no caso específico, o de ter um filho estudando no Exterior, fato que acarreta ainda hoje no Brasil ou na Bahia um certo prestígio sócio-cultural apoiado no poder econômico, como era o caso de Francisco Félix da Souza.

Assim, os descendentes de ex-escravos brasileiros tiveram em África, cuidadosa educação: a educação doméstica lhes fôra dada nos moldes da educação brasileira e consistia em lhes ensinar, no caso das meninas, a cozinhar, a aprender a arrumar a casa, a bordar e a costurar, preparando-as sobretudo para o casamento, e que se realizava, quase sempre, com descendentes de brasileiros, até mesmo entre irmão e irmã de mães diferentes, como observou Elysée Reclus nos fins do século dezanove, disso resultando complexos laços de parentescos (6). É muito comum no Daomé um membro de uma família de descendentes de brasileiros ter parentesco com os Pinto, os Santana, os Da Silva, os da Souza, como é o caso, por exemplo de um Sacramento cujo pai casou-se duas vêzes com descendentes de ex-escravos brasileiros.

A educação dos rapazes consistia na ajuda aos pais em suas diversas atividades, com o que se preparavam para a vida prática, sem esquecer, contudo, a escola, quase que unicamente freqüentada por descendentes de ex-escravos brasileiros. A propósito disso, ainda em 1908, lê-se no *Rapport de Cercle de Ouidah* a seguinte referência da presença numericamente maior dos "brésiliens" na École de Missions-Africaines de Lyon:

"Nestas missões, estabelecidas há muito tempo no Daomé, possuem escolas relativamente bem freqüentadas, sobretudo com um fim confessional. O estudo do catolicismo e do evangelho sendo exigido das crianças que desejam fazer a primeira comunhão. Os pais que professam a religião católica e são numerosos em Uidá, sobretudo entre os mestiços portugueses e brasileiros de preferência, enviam seus filhos às escolas da missão" (7).

Daí cremos na necessidade de um estudo sistemático da vida escolar no Daomé, ressaltando a importância na formação da elite e da sua conseqüente continuidade entre os descendentes de brasileiros, e que forneceu àquele país tantos elementos de valor, mas que, por outro lado, trouxe certas dificuldades na integração social daqueles indivíduos que se consideravam superiores aos nativos, como também certos entraves político-administrativos na Colônia dos princípios deste século.

Quando da distribuição de prêmios aos alunos de uma escola pública em Uidá, o diretor do estabelecimento de ensino fez um discurso

(5) FREYRE, Gilberto — ob. cit., p. 307.

(6) RÉCLUS, Elisée — *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. XIII. Ed. Hachette, Paris, 1875-1894, apud VERGER, Pierre, ob. cit. p. 12. Nesses caso, é possível que o Autor esteja se referindo a irmãos "classificatórios", portanto primos, paralelos ou cruzados, de primeiro grau. O que, de resto, não diminui a complexidade do sistema de parentesco.

(7) *Rapport de Cercle de Ouidah*, Arquivos do Porto Novo, Daomé.

do qual, dada sua importância histórica para o estudo da vida educacional do Daomé, extraímos trechos que citamos em seguida:

“A primeira escola em Uidá foi criada pelos portugueses em 1680. Compunha-se de duas sessões: uma masculina, funcionando no interior do Forte Português, com uma média de 60 alunos, e uma outra, feminina, funcionando fora do Forte, em casa de uma senhora portuguesa, com uma média de quinze alunas. O padre da paróquia era o diretor da escola masculina, sendo a escola das meninas dirigida por uma senhora, também portuguesa, sob a orientação daquele sacerdote.

“Infelizmente, em uma data que a história não pode precisar, a escola deve ter caído completamente, pois que em 1825, quando da chegada dos primeiros franceses, o Forte Português já se encontrava, de há muito, em ruínas”.

“A 10 de fevereiro de 1862 os missionários reabriram a escola que contava, naquela época, com 150 alunos e cujas aulas eram ministradas em português, língua oficial e comercial de então”.

“Em 1865, para diminuir certas dificuldades do momento e satisfazer a susceptibilidade dos oficiais franceses do protetorado, a primeira escola francesa foi inaugurada em Porto Novo, em 27 de janeiro de 1867, com um efetivo de seis alunos. Contudo, a instrução era reservada aos brasileiros e aos escravos recomprados da escravidão, não querendo o Rei Glele (Guelelé) a escolarização das crianças daomeanas”⁽⁸⁾.

No excelente discurso daquele diretor, permeado de informações históricas da maior importância para a compreensão do passado cultural do Daomé, existem alguns pontos que merecem uma maior atenção e revisão, pois, infelizmente, o autor não precisou a fonte de referência por êle utilizada.

Se é verdade que a primeira escola em Uidá funcionava dentro e fora do Forte Português, como quer o autor do discurso acima referido, podemos estar certos, no entanto, de que o ano da criação daquela escola não teria sido 1680, considerando que, naquela época, ainda não existia o Forte Português, só criado posteriormente em 1721. De resto, a data exata da criação do Forte Português só recentemente é que foi elucidada pelo pesquisador Pierre Verger, após laborioso trabalho de pesquisa e análise de documentos históricos por êle consultados em arquivos de diferentes países ligados ao intenso tráfico de escravos que ali se realizava nos princípios do século dezoito⁽⁹⁾.

Por outro lado, se a primeira escola francesa foi inaugurada em 1868, é fácil supor que o ensino em língua portuguesa continuou a ser ministrado em Uidá até muito tempo depois da inauguração da primeira escola francesa em Porto Novo. Vale lembrar que Elysée Reclus, no seu *Nouvelle Géographie Universelle*, em 1887, isto é, cento e sessenta e nove anos depois da provável data da inauguração da primeira escola em

(8) *La distribution des prix à Ouidah in France-Dahomey*, n.º 57, 10 de julho de 1956, p. 4.

(9) VERGER, Pierre *Le Fort St. Jean-Baptiste d'Ajuda*, Mem. de l'Institut de Recherches Appliquées au Dahomey, n.º 1. 1966, p. 15.

Uidá e quase vinte anos depois da inauguração da primeira escola francesa em Porto Novo, escrevia: "O português disputa com o inglês o papel de língua dominante para as relações internacionais. Ao oeste, próximo às cidades da Costa do Ouro fala-se inglês mas em Uidá o português o suplanta; é o idioma europeu que se ensina nas escolas" (10).

Acreditamos, assim, ter sido a língua portuguesa a mais divulgada nas escolas do Daomé durante os dois últimos séculos, considerando o longo período em que ela foi ensinada. E, se em algumas épocas, as escolas portuguesas deixaram de funcionar regularmente por motivos diversos, sobretudo em consequência da falta das atividades que podemos chamar de "assistenciais" à população, pela administração do Forte Português, não faltou, entretanto, a presença do elemento português e, em maior escala, a dos brasileiros ex-escravos que, chegando ali, falando o português do Brasil, introduziram na linguagem daomeana, palavras e frases até hoje ouvidas e definitivamente assimiladas nas línguas nativas que se falam no Daomé; fenômeno já observado por Ed. Foá, que escreveu:

"Nas línguas indígenas, onde faltam necessariamente todos os nomes aplicáveis a objetos de importação estrangeira pertencentes à civilização (o autor aqui se refere à civilização européia), preencheram-se essas lacunas com palavras francesas, inglesas, portuguesas sobretudo e que foram, pouco a pouco, desnaturalizadas pelos indígenas e atualmente fazem parte do idioma" (11).

É o caso, por exemplo, das palavras portuguesas registradas no *Dictionnaire Fon-Français* de Segurola (12), com a indicação precisa de sua procedência, sem referência, entretanto, a outras tantas, também dicionarizadas e de difícil identificação, o que só seria possível a partir de um trabalho de lingüística comparada. Acreditamos que uma pesquisa desta natureza, utilizando-se como fonte básica de referência os dicionários das línguas africanas que estiveram em permanente contacto com a língua portuguesa do Brasil ou de Portugal durante o período do intenso tráfico de escravos, e mais os trabalhos de pesquisa *in loco*, como os já iniciados pelos Profs. Guilherme de Souza Castro e Yêda Pessoa de Castro (13), e outros, que por acaso vierem a ser realizados, poderão demonstrar a importância da contribuição do português aos falares africanos, como também qual teria sido a influência mais acentuada: se a do português do Brasil ou se a do português de Portugal.

(10) VERGER, Pierre — Ob. cit., p. 12.

(11) FOA, Ed. *Le Dahomey*, 1895.

(12) SEGUROLA, R. P. B., *Dictionnaire Fon-Français*, vol. II, 2a. ed., 1968, Cotonou.

(13) CASTRO, Yêda Pessoa — AFRO-ÁSIA, n.º 1 — Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 1965, pp. 41/56. Nesse artigo a autora, após ter justificado de fato que o português do Brasil falado em África Ocidental conservou-se inalterado durante quase um século, utilizou três respostas dentre as 2.982 que foram respondidas com o auxílio de um questionário em português, para mostrar a importância de tais estudos para melhor compreensão da cultura brasileira.

Maurice Delafosse no seu *Manuel Dahoméen*⁽¹⁴⁾, dá-nos uma lista de palavras portuguesas que transcrevemos mais adiante, isto é, somente aquelas não dicionarizadas por Seguro, uma vez que é nosso propósito citar todas as palavras de origem portuguesa abonadas por este autor.

Delafosse faz um comentário sobre a língua portuguesa do qual, por se achar conforme os propósitos do nosso trabalho, citamos alguns trechos: "Se as línguas mais próximas do daomeano não exerceram sobre ele nenhuma influência, isto não aconteceu com as línguas européias e sobretudo com a língua portuguesa. Não que as línguas anglo-latinas tenham modificado o "gênio" próprio da língua daomeana, mas as comunicações seculares dos europeus com o Daomé introduziram na língua deste país um certo número de palavras estrangeiras designando sobretudo os objetos de procedência européia e muitas destas palavras atualmente fazem parte da língua corrente, não somente na "Costa" mas além mesmo de Abomé. Por vezes existem duas palavras, uma estrangeira e outra nativa, empregadas todas duas para designar a mesma coisa, como *buku* e *wegbo*, "livre", *kaplabe* e *zikpo*, "sede", *kotu* e *awu*, "vestimenta", etc. . ."

Entre as línguas européias, o português foi a que forneceu um maior número de palavras ao daomeano. Os portugueses, efetivamente, não só chegaram ao Daomé como fundaram uma cidade, Ajuda⁽¹⁵⁾, e aí se implantaram. Além disto, muitos dos daomeanos levados como escravos ao Brasil, voltaram, uma vez libertados, para logo conviver em seu país de origem com os mestiços portugueses: tornaram-se ricos e influentes e propagaram o português, a língua dos brancos. Durante a guerra era o português que servia de língua diplomática: o rei Béhanzin falava-a muito bem. Atualmente, os daomeanos, diz-se, chamam a língua portuguesa Ajudagbe, a língua de Uidá.

De qualquer forma, sabe-se que o número de ex-escravos brasileiros no Daomé, sobretudo em Uidá, foi, sem dúvida, muito maior que o de cidadãos portugueses ali radicados. Considerando ainda provavelmente o longo período em que se ensinou a língua portuguesa de Portugal, pois que é muito difícil imaginar-se terem sido as suas professoras de origem ou descendência brasileira, poderíamos adiantar que foi considerável a influência da língua portuguesa do Brasil nas línguas nativas do Daomé. E mesmo considerando a presença da escola portuguesa em Uidá, freqüentada quase sempre por descendentes de brasileiros, poderíamos imaginar que a língua que se lhes ensinava na escola poderia divergir da língua usada nas comunicações cotidianas, que não deveria ser outra senão aquela aprendida pelos ex-escravos no Brasil.

Citamos em seguida, as palavras de evidente origem portuguesa encontradas no dicionário acima referido, algumas colhidas por Delafosse

(14) DELAFOSSE, Maurice — *Manuel Dahoméen*, Ernest Leroux Editeur, Paris, 1894, pp. 134/6.

(15) Cidade conhecida no Daomé pelo nome *UIDÁ* (Ouidah).

e outras que colhemos no Daomé, quando lá estivemos em viagem de estudos, entre os membros da comunidade formada de descendentes de brasileiros que, se não empregadas na linguagem corrente, encontram-se definitivamente conservadas na memória coletiva, lembradas acidentalmente numa conversa informal como o fêz, certa vez, uma descendente de brasileiro, que, ao final de uma entrevista exclamou: “*ora me dêxa!*”

Palavras colhidas no Dicionário Fon-Français de Segurola:

- 1 – Abēsáũ – do port. bênção (A bênção do Santíssimo Sacramento)
- 2 – Abuéka – do port. boneca.
- 3 – Afínétī – do port. alfinete
- 4 – Akámà – do port. cama
- 5 – Aklúzù – do port. cruz
- 6 – Akōta – do port. quota
- 7 – Akpatagã – do port. prata (+ gã) (prata, metal)
- 8 – Amãgà – do port. manga
- 9 – Amísà – do port. missa
- 10 – Asiólà – do port. senhora – pessoa religiosa
- 11 – Barume – do port. verruma
- 12 – Basìa – do port. bacia
- 13 – Bösú – do port. bôlso
- 14 – Cávī – do port. chave
- 15 – Doto – do port. doutor – o médico
- 16 – Folô – do port. flor
- 17 – Gǎfö – do port. garfo
- 18 – Gomà – do port. goma – goma extraída da mandioca
- 19 – Kafé – do port. café
- 20 – Kalétà – do port. careta – máscara – jôgo jogado pelas crianças.
- 21 – Kōfesiô, Kōfisa – do port. confissão
- 22 – Koukãda – do port. cocada – confeitaria preparada com amendoim e caramelo.
- 23 – Kuvità – do port. convidar – termo utilizado em Uidá.
- 24 – Lãmà – do port. lama
- 25 – Lütú – do port. luto – estar de luto de alguém.
- 26 – Padri – do port. padre
- 27 – Pápà – do port. papa – sumo pontífice
- 28 – Páskòò – do port. páscoa
- 29 – Pētekoste – do port. pentecoste
- 30 – Pila – do port. pliar, vb. pilar – coluna
- 31 – Sakramētu – do port. sacramento (da lei de Deus)
- 32 – Tásà – do port. taça – recipiente de metal esmaltado
- 33 – Távò – do port. tábua
- 34 – Vělà – do port. vela
- 35 – Vludu – do port. veludo (espécie de tecido)

Palavras colhidas pelo autor quando da sua permanência no Daomé:

Adjanela — janela
Arroi — arroz
Banana da prata
Amigo
Bonita
Boca do rio — embocadura
Bomba
Cabeça de Gongo — cabeçudo
Cordão
Crioulo — “um tipo de crioulo bom”
Cabra — filho de um mulato e uma negra
Camisa
Cozido — um tipo de comida
Chicote
Cria — filho de escravo
Dengôs — impotente sexual
Ensopado — tipo de comida
É direita — no sentido moral
Feijoada de leite — um tipo de comida
Fia da mãe — (pejorativa)
Fio da puta (pejorativa)
Já ta toa — mulher que perdeu a virgindade
Limão
Mulato
Mandioca
Não tem vergonha
Pagode
Sapateiro
Vadio

Palavras abonadas por Delafosse:

Akiginõ — cristão
Botina — botina
Caluto — charuto
Faka — faca
Kamisa — camisa
Kejó — queijo
Kofó — copo
Kokpla — copra (amêndoa de côco)
Kuntu — coberta
Kpadie — padre
Kplabe — tamborêtes usados nas reuniões públicas (do port. palavra)
Losa — de roça
Mose — doméstica de confiança (do port. moça)

Esperamos que esta modesta contribuição ao estudo da língua portuguesa no Daomé possa sugerir algumas hipóteses de trabalho que permitam uma compreensão mais ampla da contribuição dos descendentes de brasileiros na formação da elite intelectual daomeana, de que a língua portuguesa deve ter sido o meio de comunicação e absorção de conhecimentos, mais utilizado por aqueles que, no passado, muito contribuíram para que o Daomé atual seja, entre as nações africanas, uma das mais bem desenvolvidas culturalmente.

CONTRIBUTION TO THE STUDY OF THE PORTUGUESE LANGUAGE IN DAHOMEY

Drawing on his eight months stay in 1968 among people of Brazilian descent in Dahomey, the authour points out the importance of Portuguese in this country.

He observes that this important influence is partly traceable to the school founded by Portuguese in 1680 in the city of Ouidah. The major factor, however, is the return of ex-Brazilian slaves to Dahomey which gave rise to the creation of a true "Brazilian community".

He ends by noting the growth in words of Portuguese origin already present in the works of Delafosse and Segurolo, and new words of the same origin which he finds in use among the present inhabitants of Dahomey.

CONTRIBUTION À L'ÉTUDE DE LA LANGUE PORTUGAISE AU DAHOMEY

L'auteur a vécu pendant quelques mois, en 1968, au Dahomey, en contact direct avec les descendants des ex-esclaves brésiliens.

Dans son travail il démontre l'importance de la langue portugaise au Dahomey et il affirme que cette importance se doit d'un côté, à la création d'une école, en 1680, par les Portugais à la ville de Ouidah, et de l'autre, au retour des ex-esclaves brésiliens au pays à la fin du dernier siècle. Ces esclaves ont établi au Dahomey, une authentique "communauté brésilienne", pleine de prestige, dont il reste encore de nombreux descendants.

L'auteur, à la fin de son article, présente une relation de mots d'origine portugaise, recueillis au cours de ses recherches et qui ne sont pas inclus dans les travaux écrits par Delafosse et Segurolo.